

## Relações de gênero e de geração nas atividades de pesca artesanal dos/as jovens pescadores/as da Amazônia Oriental, Brasil

### RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre as relações de gênero e de geração presentes nas atividades de pesca artesanal desempenhadas por jovens na comunidade de Bonifácio/PA. A metodologia trouxe o campo, as entrevistas estruturadas e a observação participante como suporte analítico. Houve a participação na rotina das famílias, na pescaria e na manutenção dos instrumentos de pesca. A organização etária e suas relações variam entre sociedades, o que define ainda na infância, os valores, os papéis e os lugares de gênero e de geração. Nas comunidades onde se pratica a pesca artesanal vê-se as relações de gênero, geração e com a natureza, conectadas. Estruturam-se as diferentes formas complexas de manejo do ambiente sociocultural, simbólico e ambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens. Gênero. Geração. Pesca artesanal.

**Norma Cristina Vieira**

E-mail: normacosta@ufpa.br  
Universidade Federal do Pará,  
Bragança, Pará, Brasil.

**Maria Helena de Aviz dos Reis**

E-mail: malenaviz.43@gmail.com  
Universidade Federal do Pará,  
Bragança, Pará, Brasil.

**José Dias Santana**

E-mail: diasufpa@hotmail.com  
Universidade Federal do Pará,  
Bragança, Pará, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O cenário que se revela nos estudos voltados para o gênero e para a geração no meio rural amazônico, certamente nas últimas décadas reverberou-se em práticas socioculturais pautadas na diversidade que permeia a sociedade atual e assim, materializa relações e intensifica os diálogos entre o empírico e a academia, enxertados de saberes e experiências.

Nas comunidades tradicionais da Amazônia Oriental a divisão da produção pesqueira, incluindo o uso dos territórios de pesca é nitidamente definida pela condição de gênero (VIEIRA *et al.*, 2013). O gênero se apresenta aqui também, constituinte nas atividades do cuidado familiar e, a visão essencialista para estes dois grupos de atividades – pesca e família, está estruturada também pelos diferentes modos de transmissão de saberes desenvolvidos pelas relações geracionais.

A família configura a base fundamental para o compartilhamento desses saberes e a mulher, como parte dessa estrutura, ocupa um lugar determinante na casa, no trabalho e na família como núcleo simbólico das relações, o que reforça inúmeras abordagens sobre este papel. É o que afirma Paul Claval (1999, p. 85), de que a “[...] carga afetiva da casa é forte [...]”, onde a presença dela é extremamente forte e ao homem “[...] cabe controlar os espaços produtivos externos à casa, cabe à mulher o governo da mesma”. Embora a presença feminina seja associada quase com exclusividade às tarefas da casa e do quintal, e na maioria como “ajuda” ao homem, não se desconsidera a grande contribuição que ela e as crianças prestam aos trabalhos **pesados** quando somam “[...] às atividades do homem no campo”, da colônia e das regiões costeiras (MENEZES; ALMEIDA, 2013, p. 130). Desta forma é que se entende como a relação geracional e de gênero estão reestruturadas no seio familiar.

Nesta perspectiva, confirma-se o nosso entendimento de geração como o lugar em que dois tempos diferentes são sincronizados – o do curso da vida e o da experiência histórica. De modo que, o tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando assim, uma geração social em constantes relações e (re)configurações (FEIXA; LECCARDI, 2010). Assim, geração representa uma expressão construída por relações sociais e dinâmicas, dialógicas e coletivas, constituídas desde o nascimento até o final da vida dos indivíduos.

Em suma, mesmo que ainda haja muito a se discutir sobre gênero e geração nos territórios rurais amazônicos e os debates pareçam tímidos, alguns caminhos já foram percorridos como investigações e pesquisas acadêmicas, movimentos sociais com representações ativas das comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, extrativistas, pesqueiras, entre outras), e que de certa forma contribuem para visibilizar estas questões. Seja em áreas específicas ou estudos de resistência e empoderamento das próprias mulheres rurais e também nas áreas urbanas.

Na esteira de Parry Scott (2010, p. 16) sobre estas discussões, a autora destaca em termos relacionais “[...] que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relações de poder entre pessoas de sexo e idades diferentes. Seja qual for o seu local de residência ou de trabalho.”, o que alimenta a ideia de habitar em um mundo diversificado por **culturas edificadas**, simbolizadas diferencial e dinamicamente em suas vivências e caracterizando os

atores sociais homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos nas situações que correspondem ao gênero e à geração, num certo sentido em relações conflituosas e proporcionando estratégias colaborativas e coletivas no meio que vivem.

Scott argumenta também, sobre as especificidades de grupos geracionais rurais, como os “[...] idosos e jovens, [...]”, se anteriormente eram analisados no contexto da família camponesa, na dinâmica dos grupos domésticos, hoje possuem o status de objeto específico, no qual novos papéis, espaços e contextos simbólicos e sociais são incluídos” (2010, p. 16). Reflete-se então, que, se antes os estudos eram determinados sobre o **potencial produtivo** desses sujeitos, suas histórias locais e seus saberes empíricos tradicionais ou ressignificados, hoje inclui-se também nesses debates as questões voltadas para a saúde mental e física desses protagonistas em seus lugares de viver.

Assim sendo, o gênero e a geração têm implicações constituintes nas vivências diárias e os **valores morais** imbricados nestes contextos como, as relações de poder entre homens e mulheres, a disputa entre jovens e idosos, sejam em territórios urbanos ou rurais, levam esses a usarem estratégias individuais em seus diversos espaços de convivência, para fugir das categorizações do mundo contemporâneo (SCOTT, 2010).

Nesta perspectiva, Alda Motta (2010) enfatiza que **historicamente** a sociedade desenvolveu-se tendo o gênero e a idade como critérios fundamentais de organização e integração social, principalmente de participação na divisão social do trabalho. Essas formas organizativas resultaram, na maioria, em discriminação e exclusão igualmente baseadas na idade e em critérios relativos ao gênero. Como exemplo de gênero, Maria Cristina Maneschy (2013, p. 43) revela que “[...] a duradoura influência da cultura patriarcal sobre a divisão sexual de trabalho no meio rural [...] incluindo a pescadora, era definida como dependente do cônjuge, a quem cabia o pleno gozo dos direitos sociais e previdenciários”.

Dessa forma, as construções socioculturais relativas aos papéis geracionais, de identidades e de gênero incidem nas experiências laborais de mulheres e de homens, independente da faixa etária. Em comunidades tradicionais da Amazônia essas construções são claramente visualizadas como pertinentes à divisão sexual do trabalho, interna e externamente ao núcleo familiar. Não obstante, embora os padrões socioculturais se (des)construam e se transformem na sociedade contemporânea, o gênero, se organiza com outras desigualdades, tais como étnicas, geracionais, e de classe, continuando assim, como fonte de poder e embates desproporcionais (MANESCHY, 2013).

De tal modo que, as relações de gênero, as relações geracionais, ao mesmo tempo em que são dinâmicas, dialéticas e construtivas são também estruturantes e assimétricas. Estruturantes porque definem os lugares e papéis dos grupos geracionais – crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos – culturalmente organizados por **demarcação etária**. Assimétricas porque os lugares e papéis definidos socialmente aos grupos geracionais são desiguais e permeados por relações de poder e hierarquias.

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa realizada na comunidade de Bonifácio, em área de Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, localizada a 35 quilômetros da sede do município Bragança, Estado do Pará, parte oriental da Amazônia – Brasil, região conhecida como Salgado Paraense.

## ESTRATÉGIAS INVESTIGATIVAS

Os dados aqui apresentados dizem respeito à fase etnográfica da pesquisa qualitativa em comunidade tradicional de pesca artesanal, que segundo Telmo Caria (2003), supõe um período prolongado de permanência no contexto, lócus da pesquisa, cuja vivência é materializada no diário de campo com os registros significativos, e em que o instrumento principal de recolha de dados é a própria pessoa do investigador, por meio de um procedimento geralmente designado por observação participante em caminhos etnográficos.

A etnografia, como pontua Antônio Chizzotti (2006, p. 226) significa um olhar sobre o outro, “[...] da configuração cultural de uma população”, tendo como pressuposto fundamental a interação entre as pessoas no seu dia a dia, seus saberes, seus afazeres, suas relações, como uma produção de conhecimento que se diferencia de um método, é o que define Clifford Geertz (1989).

As entrevistas foram realizadas em 2017 e 2018 nos domicílios de 46 famílias de pescadores e pescadoras, na faixa etária que compreende de 15 a 25 anos de idade. O critério utilizado para as entrevistas deteve-se na maior disponibilidade de participação das famílias na pesquisa. Além das entrevistas, realizou-se uma técnica de pesquisa conhecida como Associação Livre. Essa técnica tem por objetivo fazer com que o participante da entrevista fale tudo o que atravessar a sua mente. Para os jovens e as jovens participantes da pesquisa foi proposto a associação livre dos termos: natureza, aprendizagem, pesca, homens, mulheres e juventude. As palavras associadas foram imparcialmente registradas pelas pesquisadoras e pelo pesquisador.

## JUVENTUDES: RELAÇÕES DE GÊNERO E GERAÇÃO NA PESCA ARTESANAL

A pesca artesanal implica em todo um conjunto de conhecimentos acumulados em torno do espaço marítimo, construído principalmente pela experiência e pela intuição. Nesse processo, é visível verificar na cultura tradicional de pescadores e pescadoras artesanais uma noção tridimensional do espaço, que abrange seus distintos domínios de vida - mar, terra e céu - dotados de significados específicos (CUNHA, 2003).

Essa modalidade de pesca artesanal se caracteriza, em boa medida, pela simplicidade tecnológica utilizada pelo pescador e pela pescadora no manejo do ecossistema pesqueiro no qual atua, bem como pelo trabalho familiar sem práticas de assalariamento (DIEGUES, 1983; FURTADO, 1990; MALDONADO, 1993). Aqui, homens, mulheres, meninos, meninas, idosos e idosas engajam-se na produção pesqueira em diferentes momentos e ambientes (FURTADO, 2008), isto é, espaços sociais ou mundos de gênero e de geração, com seus respectivos coletivos, internamente estruturados (SEGATO, 2005) com lugares, sobretudo na divisão social e sexual do trabalho, hierarquizados e assimétricos.

Destarte, os/as jovens da comunidade de Bonifácio são inseridos socialmente na atividade de pesca, ainda que não ocorra uma inserção forçada, a introdução se inicia desde muito cedo, na infância, e se concretiza de modo geral na juventude, quando os pescadores e as pescadoras, sobretudo os primeiros, integram os grupos pesqueiros interfamiliares. Não obstante, em Santa Catarina, as jovens mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC se articulam e se

fortalecem cada vez mais em atos políticos que vão dando visibilidade e direitos tais como acesso à terra, à educação, à renda e autonomia em relação aos pais. Com a construção de suas políticas identitárias, realizam propostas coletivas e ampliam seus projetos de vida (GASPARETO; MENEZES, 2013).

Nesse sentido, juventude pode ser definida como uma categoria social que compreende, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social (GROPPO, 2000; MATOS, 2006). É uma construção onde estão presentes ambiguidades entre direitos e deveres, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder (MATOS, 2006). No Brasil, a Lei nº 12.852, sancionada em 5 de agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens entre 15 e 29 anos de idade, além de relacionar os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – Sinajuve (BRASIL, 2013).

De acordo com a Lei, aos adolescentes com idade entre 15 e 18 anos aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990), e, excepcionalmente, o Estatuto da Juventude, quando não houver conflitos com as normas de proteção integral do adolescente. Para Lia Pappámikail (2010), definir os direitos e deveres dessa juventude é um processo lento, como são historicamente conhecidos esses processos que constituem em grupos sociais a transição sentimentalizada da criança para a vida adulta. Com efeito, para a categoria juventude a autora afirma que os aspectos culturais e éticos são fundamentais na construção desses sujeitos, que identificam a escola como território legítimo para o fortalecimento de suas vivências juvenis e a família é vista como hierarquia **inter-geracional tradicional** em contextos forjados para a prática do trabalho, em família e em grupos dentro da comunidade.

Ao observar as/os jovens em suas práticas laborais diárias na comunidade de Bonifácio, arremete-se ao que Velasco (2008) discorre sobre essa classe social, uma juventude que conquistou nas últimas décadas, posição de destaque na agenda nacional do Brasil. Resguardando abordagens que tratem dos jovens, sujeitos concretos, mas também das juventudes na pluralidade que evocam, promovendo assim, um campo múltiplo de possibilidades do que possa ser jovem, de forma que o sentido atribuído precisa reconhecer a diversidade de condição, experiência e realidade. Considerando, portanto, as circunstâncias materiais, sociais e culturais que envolvem tal classe.

Para as/os jovens da comunidade de Bonifácio, juventude pode ser definida, em grande medida, por quatro palavras, a saber: aprendiz, trabalho, futuro, estudo. Para eles, como também para elas, o período da juventude é representado como um período de tomada de responsabilidades. É na juventude que o trabalho de pesca e a condição de aprendiz tornam-se evidentemente mais definidos e regulares. Em nosso entendimento, e pelas análises ora projetadas, ser jovem na comunidade de Bonifácio é a confirmação de estar pronto para as diversificadas atividades que compõem a pesca artesanal, é também, o amadurecimento de saberes transmitidos pelos mais velhos e o aprendizado que acumulativamente vai modelando esta categoria.

De modo abrangente, a juventude que vive na comunidade de Bonifácio assim como a que habita por todo o país, enquanto categoria social, cabe ser

pensada/refletida, tal como as relações de gênero, uma categoria analítica e instrumento metodológico para o entendimento da construção das diferentes identidades em que cada grupo social se organiza. Esta categoria de análise geracional abrange diferentes formas de relações sociais (gênero, étnico-raciais, de classe), pois cada uma dessas contribui culturalmente em reproduzir as identidades e os lugares das pessoas de acordo com suas idades, ou seja, - isto é coisa de adulto, aquilo é de criança, isto é coisa de jovem, aquilo é costume de velhos, e assim por diante.

A juventude é ainda, uma categoria histórica e social, permeada por constantes e diversas relações, seja com as demais categorias geracionais na qual envolvem homens e mulheres de diferentes idades, ou no meio cultural e ambiental em que está inserida. Nestas relações, assim como o gênero, os grupos geracionais possuem características específicas nas comunidades ditas tradicionais. Isto porque as relações Inter geracionais estão, em boa medida, constituídas de um lado pelo trabalho fortemente marcado pelas relações de parentesco; e de outro, pelos saberes culturalmente socializados para o trabalho (no mar, na agricultura, no manguezal, nos rios), também repassado, sobretudo, pela família (SEGATO, 2005).

Nesta perspectiva, Sérgio Moraes (2008) ilustra que os conhecimentos e saberes da tradição são transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas práticas do cotidiano. Porque na pesca artesanal o jogo do ensinar e do aprender, ora sistemático, ora espontâneo, por meio da observação do outro, reforça a prática do fazer, desde cedo, das diferentes atividades que envolvem a pesca de homens e mulheres em suas diferentes faixas etárias.

No caso da comunidade de Bonifácio, o trabalho na pesca e a incorporação cultural de todos os membros da família nas diversas tarefas, propiciam aos indivíduos mais jovens<sup>1</sup> (crianças e adolescentes) reproduções sociais específicas do grupo, o que de certo modo os diferencia em alguns aspectos dos grupos urbanos e que tramitam na mesma faixa etária. Ressalta-se novamente, que há um campo múltiplo de possibilidades do que é ou possa ser jovem, de tal maneira que precisa reconhecer a diversidade de condições, experiências e realidades socioculturais que o envolve, pois, estas especificidades se espelham, se refletem, dentre outras e, certamente nas relações com o ambiente em que vivem (VELASCO, 2008). Falamos de especificidades como:

A categoria **adolescência**, constituída pelas sociedades modernas e contemporâneas, para a comunidade é irrelevante, pois praticamente **não existe**, visto que não há, de certo modo, crise de identidade diante do futuro, pois a transição de criança para a fase adulta acontece involuntariamente desde muito cedo, quando em geral, as diversas responsabilidades e as práticas dos saberes pesqueiros são repassados pelos mais velhos. Uma aprendizagem contínua e de convívio cotidiano (representações, práticas e responsabilidades como membros do grupo doméstico e comunitário).

Para Maria Rita César (1998, p. 31) a categoria adolescência/puberdade foi inventada a partir “[...] de uma concepção científica de saúde, a puberdade recebeu uma caracterização médica e uma prescrição higiênica que norteariam as práticas pedagógicas”, deste então, pulverizando instintos o que para a autora “[...] suscitou a ideia de uma plasticidade da figura do adolescente, pois, quanto

mais jovem o indivíduo, mas próximo ele se encontraria de sua natureza animal”, por conta disso, a vigilância de pais e responsáveis era constante, limitando o jovem a um convívio restrito e proibitivo.

César destaca ainda que, para esta tão polêmica fase da vida, o

[...] “nascimento” e a consolidação da “adolescência”, nas três primeiras décadas do século XX, configurou-se a partir da união de duas figuras já estabelecidas no imaginário ocidental: o jovem, figura social descrita das mais variadas maneiras no decorrer do tempo, e o púbere, figura biológica e psíquica construída pelo discurso médico no decorrer do século XIX. Associada à ideia de puberdade, a “adolescência” irrompeu em um universo discursivo fortemente impregnado pela imagem da sexualidade, devendo ser vigiada nos jogos, nas leituras, na saúde e, principalmente, na sua solidão. O “adolescente” do discurso médico apareceu como um indivíduo instável, um rebelde contra os adultos e os valores da tradição, sujeito de uma sexualidade que lhe é negada, mas que, ao mesmo tempo, está estampada em seu rosto (CÉSAR, 1998, p. 32).

Dito isso, a comunidade de Bonifácio pela lente das pesquisadoras e do pesquisador, não se preocupa com essa reorganização fásica da vida, visto que existem outras questões dentro da comunidade voltadas para afazeres, saberes e conhecimentos tradicionais, os quais determinam a ordem do cotidiano entre os mais novos e os mais velhos.

Outra especificidade observada é o inusual ritual de casamento/matrimônio constituído pelos moldes cristãos, como uma prática e preocupação da Igreja Católica em regulamentar e oficializar esse ritual (CANCELA, 2011). Para Ipojucan Campos (2016, p. 57), esse matrimônio fugia das rédeas da igreja e corria rumo ao enlace civil, e tal advento era para a igreja uma afronta e “[...] tal empreitada estabelecia confrontos entre um e outro com o objetivo de suprimir a influência dada ao enlace cartorial. [...] irracionalidade e desrespeito ante a Instituição que há séculos prestava “relevantes” serviços à sociedade”. No entanto, a comunidade de Bonifácio escorrega desses moldes seculares institucionalizados e projeta a formação familiar a partir da união/aliança, como marcador da passagem, ou seja, o ritual de passagem de jovem para a fase adulta – de solteiro para uma vida conjugal.

Com efeito, para Victor Turner (1975, p. 31), tanto o ritual de passagem observado na comunidade de Bonifácio, quanto o ritual de passagem para os povos *Ndembu*, na África, definem códigos culturais e ainda, “Decifrar as formas rituais e descobrir o que gera as ações simbólicas pode ser mais próximo de nosso crescimento cultural do que nós supusemos”, nesse encalço, a organização social dentro da comunidade estabelece relações parentais e comunitárias que certamente consolidam suas gerações. Assim, a união de jovens na comunidade de Bonifácio, em relações de gênero e geração, condensa um feixe de práticas socioculturais e religiosas que estão além da liminaridade do nosso entendimento, mas compreendidas pela natureza aberta e processual da vida social do lugar (TURNER, 1975).

Há de se entender nesses diversos contextos estudados, e agora voltando para as práticas laborais da comunidade de Bonifácio, que a determinação ou condicionamento da dimensão geracional parece ser menos rígido que o gênero. As mudanças que vem ocorrendo na demarcação das gerações são visíveis. Toma-

se como exemplos a introdução de tecnologias pesqueiras e a melhor valorização da força de trabalho do jovem quando imerge no mundo trabalhista, bem como a importância crescente de sua escolarização formal em relação aos conhecimentos acumulados dos mais idosos, sobretudo em pescarias de espécies de maior valor comercial, que vai trazer melhorias coletivas.

A aprendizagem dos conhecimentos pesqueiros está estruturada também pelas relações de gênero e conseqüentemente pelo lugar que os homens e as mulheres ocupam na pesca artesanal local. Para as/os jovens, a importância dos conhecimentos sobre a pesca, sobretudo adquiridos com a família nuclear (pai/mãe, irmãos/irmãs) pode ser resumida em três aspectos principais: segurança, dinheiro e autonomia. A segurança, no discurso dos e das jovens aparece fundamentalmente como uma necessidade básica e prioritária para a atividade pesqueira. Ela abrange, por um lado, elementos condicionados pela natureza, como os inúmeros perigos presentes no espaço biofísico de atuação (mar, mangue, rios, terra). Por outro, elementos socioeconômicos tais como a lida com os equipamentos de pesca, reconhecimento pessoal e social das capacidades laborais (tecer redes de pesca, pescar em diferentes ambientes, conduzir embarcações pesqueiras) e a garantia de retorno financeiro como consequência da pescaria.

Nesse sentido, o aspecto dinheiro apresenta-se, em grande medida, atrelado à labuta pesqueira e ao domínio dos conhecimentos que a atividade exige. Aprender a pescar em comunidade costeira-estuarina é possibilitar aos mais jovens uma garantia profissional, uma alternativa de sobrevivência e de ganhos monetários, embora muito se discuta, principalmente com os mais idosos e experientes pescadores e pescadoras, que a pesca é uma atividade perigosa e sofrida, com pouco retorno financeiro, por conseguinte, seus discursos reforçam o desejo de não ter seus filhos, suas filhas e outros parentes na profissão de pesca.

A ambivalência da representação sobre a pesca aqui, descortina duas questões relevantes: a profissionalização na atividade, construída por intermédio da prática e do conjunto de saberes socializados; e o desejo da não reprodução da profissão pelos filhos e filhas. Essa aparente contradição pode abrir algumas precedências, dentre elas, o aumento de tempo na escola pelos mais jovens e conseqüentemente o distanciamento da atividade pesqueira. Ou a incorporação de jovens mais escolarizados em pescarias mais distantes da costa e mais produtivas também, com uso de equipamentos tecnológicos mais sofisticados.

De todo modo, apesar do discurso hegemônico, as filhas e os filhos dos pescadores e pescadoras são envolvidas cotidianamente no mundo da pesca e preparados por meio da convivência e da socialização dos conhecimentos ecológicos locais – CEL's, para agirem no conjunto de tarefas e domínios que compõem a pesca artesanal.

Além da segurança e do recurso financeiro, fruto do trabalho desenvolvido na pesca, a autonomia é outro aspecto que se apresenta como fundante para o pescador e a pescadora. A autonomia representa localmente estar pronto/pronta para atuar sozinho/a ou coletivamente na atividade pesqueira. Possibilita também, escolhas, mais para ele que para ela, de integração em grupos pesqueiros e atuação em diferentes ambientes.

Para a mulher especificamente, ter aprendido a pescar e a lidar com as variadas tarefas possibilita oportunidades de atuação em pescarias próximas da



costa, em geral com outras mulheres e/ou em companhia de seus/suas filhos/as. Contudo, a domesticidade, arraigada culturalmente à figura da mulher, encontra-se marcada pela sua não autonomia. Uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas e transitam em todos os territórios, remete a uma construção identitária das jovens/mulheres como processo dinâmico em que se articulam aspectos de cultura e classe social (GASPARETO; MENEZES, 2013).

Ao sentir-se preparado, pronto, a maioria dos homens jovens agrega-se aos grupos de parceiros de pesca e afasta-se das pescarias realizadas com o grupo familiar nuclear. A troca de conhecimentos realizada entre parceiros possibilita reforçar a segurança e a organização do trabalho (relação tempo, espaço, mercado externo, dinheiro, comercialização). A autonomia, contudo, é pertencer a um grupo de parceiros de pesca, com representatividade singular para os jovens, entre outras coisas, a ascensão social.

Isso porque, como mencionado anteriormente, nesses grupos, o homem jovem tem acesso a embarcações maiores, uso de tecnologias de pesca mais sofisticadas, apropriação e uso de recursos pesqueiros com maior valor de mercado, possibilitado avanços no oceano e expectativas de ampliação de ganhos monetários e possível promoção (membro do grupo de pesca para mestre ou dono de barco).

Para Simone Maldonado (1993), a pesca é uma atividade na qual a cooperação e a competência dos participantes constituem também condições de produção. O mar não inspira somente riscos e conflitos, mas propicia certa harmonia entre parceiros de pesca. Daí, estes e o conjunto de conhecimentos abstraídos com eles (parceiros) têm uma significação importante nas falas dos pescadores entrevistados da comunidade de Bonifácio. Para a autora, certas formas de **camaradagem** se constroem no pescar juntos anos a fio, ora no enfrentamento de muitos riscos e pesadas tarefas comuns, ora na cooperação também de ordem prática, do ser capaz de coordenar tarefas com outros companheiros, sem colocar em risco a embarcação, tampouco as suas vidas.

Em relação à importância do aprendizado socializado pela mãe, tias e avós, pode-se afirmar que é tão invisibilizado quanto as atividades de pesca desempenhadas por elas. Embora haja a presença marcante da mulher, sobretudo da mãe, na formação do pescador, especialmente através do compartilhamento de uso e apropriação dos espaços, dos recursos e do conjunto de tarefas que envolvem a pesca, o que parece ficar pontuado na memória social são as tarefas ligadas ao doméstico, tal como a lida com o processamento do pescado. Não obstante, o reconhecimento do papel produtivo das mulheres no trabalho familiar vem sendo visibilizado com maior intensidade, “[...] resultado de lutas sociais de movimentos que articulam interesses específicos [...]” (PESSANHA; MOTA-MAUÉS, 2013, p. 21) de gênero, demonstrando menor diferença nas condições básicas para sua autonomia.

Isso porque os primeiros ensinamentos da pesca, assim como muitos outros, são tidos como obrigação da mulher, isto é, como parte da sua obrigação cultural de educar as gerações mais jovens, sobretudo os/as filhos/as, por isso são naturalizados (destino da biologia, do sexo-maternidade) e simultaneamente invisibilizados. Todos os outros conhecimentos, socializados, sobretudo pelos homens, são em grande medida reconhecidamente mais visibilizados.

O sistema de gênero conta com a divisão sexual de trabalho como uma de suas bases mais importantes, se não a mais importante, para produzir e reproduzir as relações de gênero e o engendramento da vida. Esse engendramento é tão poderoso que se apossa inclusive da produção de conhecimento e de categorias que alimentam a construção de políticas públicas. Tanto assim que, apesar do avanço recente da legislação, a pesca continua a ser pensada como pesca em alto mar, realizada somente por homens e desassociada das inúmeras práticas que a compõem e que incorporam os demais membros do grupo doméstico (avós, mães, tias, filhas) (VIEIRA et al., 2013; VIEIRA; COSTA, 2018).

Nas comunidades de pesca artesanal são diversas as relações em rede – relações de gênero, relações de geração, relações com a natureza – que estruturam as diferentes formas complexas de manejo do ambiente social, cultural, simbólico, ambiental. Suas atividades nos diferentes domínios de atuação apresentam-se complexas, pois constituem formas múltiplas de relacionamento com os recursos naturais, e são justamente essas variedades de práticas que asseguram a reprodução do grupo (CASTRO, 1997). Variedades cujas texturas são costuradas pelo gênero e também pela relação geracional.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos espaços e dos recursos naturais, na comunidade de Bonifácio, estão estruturados a partir das relações de parentesco, isto é, a família compõe a unidade de produção pesqueira. Homens e mulheres, de diferentes idades, estão envolvidos nas inúmeras tarefas que estruturam a pesca artesanal. É por intermédio dessas relações que se constroem os primeiros conhecimentos ecológicos locais – CEL's. O domínio desse conjunto de saberes da pesca, construído a partir da socialização de diferentes gerações, traduz aprendizados adquiridos, em grande medida pela sistematização do saber, pela observação e transmissão e pelas diversas práticas vistas no lugar.

Essa reprodução do modo de vida, apresentada pelos vários aspectos socioculturais de uma comunidade tradicional, caso de Bonifácio, transita pelos diferentes, porém relacionados, campos de ação humana. Dentre eles merecem destaque as relações geracionais e de gênero nas diversas atividades que compõem a pesca artesanal da comunidade.

Há de se destacar que no contexto estudado, a determinação ou condicionamento da dimensão geracional parece ser menos rígido que o gênero. As mudanças que vêm ocorrendo na demarcação das gerações são visíveis. Toma-se como exemplos a introdução de tecnologias pesqueiras e a melhor valorização da força de trabalho dos mais jovens, bem como a importância crescente de sua escolarização formal em relação aos conhecimentos acumulados dos mais idosos, sobretudo em pescarias de espécies de maior valor comercial. Quando essas espécies são avaliadas a partir do olhar de gênero, as mudanças são menos evidentes, porque os jovens têm mais acesso à tecnologia e ao mundo mercantil (onde é fundamental a formação escolar) do que as jovens da comunidade.



## Gender and generation relations in artisan fishing activities of young fishermen in the Eastern Amazon, Brazil

### ABSTRACT

This article discusses the gender and generation relations present in artisanal fishing activities performed by young people in the community of Bonifácio / PA. The methodology brought the field, structured interviews and participant observation as analytical support. There was participation in the routine of families, fishing and the maintenance of fishing tools. The age organization and its relationships vary between societies, which defines even in childhood, the values, roles and places of gender and generation. In communities where artisanal fishing is practiced, gender, generation and nature relationships are connected. They structure the different complex forms of management of the socio-cultural, symbolic and environmental environment.

**KEYWORDS:** Youth. Gender. Generation. Artisanal fishing.

## Relaciones de género y de generación en las actividades de pesca artesanal de los/las jóvenes pescadores/as de la Amazonía Oriental, Brasil

### RESUMEN

Este artículo trae a discusión las relaciones de género y generación presentes en las actividades de pesca artesanal realizadas por los jóvenes en la comunidad de Bonifácio/PA. La metodología de campo, las entrevistas estructuradas y la observación participante fueron el soporte analítico. Hubo participación en la rutina de las familias, en la pesca y en el mantenimiento de los instrumentos de pesca. La organización por edades y sus relaciones varían entre sociedades, aun definiéndose en la infancia, así como los valores, los roles y los lugares de género y de generación. En las comunidades donde se practica la pesca artesanal se observa que el género y la generación con la naturaleza están conectadas. Por ello, estructuran las diferentes formas complejas de gestionar el entorno sociocultural, simbólico y ambiental.

**PALABRAS CLAVE:** Jóvenes. Género. Generación. Pesca artesanal.

## NOTAS

<sup>1</sup>Esclarece-se que as categorias: crianças e adolescentes neste contexto, são colocadas pelas pesquisadoras conforme a Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente nº 8.069/13.07.1990, visto que na comunidade não se associa a idade às “fases da vida” constituídas pelas sociedades modernas e contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 12.852 de 05 de agosto de 2013.** 2013. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm) Acesso em: 24 mar. 2019.

CAMPOS, Ipojucan Dias. **Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais (Belém 1916-1940).** Belém: Ed. Editorial, 2016.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920).** Belém: Ed. Açai, 2011.

CASTRO, Edna. Território, Biodiversidade e Saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, Pinton. **Fundamentos e Conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 1997, p. 62-86.

CARIA, Telmo. Introdução a construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteira. In: CARIA, Telmo. (Org.). **Experiência etnográfica em ciências sociais.** Porto: Afrontamento, 2003, p. 9-20.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A Invenção da “Adolescência” no Discurso psicopedagógico. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 1998.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, Ed: Vozes, 2006.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Saberes patrimoniais pesqueiros. **Revista Desenvolvimento e meio ambiente.** n.7, Ed: Ltpr, p. 69-76, jan/jun 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3044/2435> . Acesso em: 15 mar. 2018.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 59-97.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Pescadores Sitiantes e trabalhadores do mar.** São Paulo, Ática, 1983.

FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado.** Vol. 25, n. 2, p. 185-204, maio/agosto 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf> . Acesso em: 14 fev. 2018.

FURTADO, Lourdes. Sobre os Argonautas da Amazônia: o estado da arte dos conhecimentos sobre os pescadores: uma contribuição aos estudos da Antropologia. In: LEITÃO, Wilma; MAUÉS, Raymundo Heraldo. (Org.). **Nortes antropológicos: trajetos, trajetórias**. Belém: EDUFPA, 2008, p. 41-79.

FURTADO, Lourdes. Características gerais e problemas da pesca Amazônica no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia**, v.6, n.1; p. 41-93, 1990. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/809>. Acesso em: 11 ago. 2017.

GASPARETO, Sirlei A. K; MENEZES, Marilda A. As jovens do movimento de mulheres camponesas - (mmc) em Santa Catarina. In: PESSANHA, Delma Neves; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p. 304-325.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres & Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 2ª edição, 1993.

MANESCHY, Maria Cristina. Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do Estado do Pará. In: PESSANHA, Delma Neves; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p. 43-64.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Juventude, paz e espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa. In: IBIAPINA, Ivana Maria Lopes; CARVALHO, Maria Vilani de. (org.) **A pesquisa como mediação de práticas sócio-educativas**. IV Encontro de pesquisa em educação da UFPI. Teresina: EDUFPI, p. 167-178, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. Reorientações produtivas na divisão familiar do trabalho: papel das mulheres do sertão de São Francisco (Sergipe) na produção do queijo de coalho. In: PESSANHA, Delma Neves; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p. 130-146.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 25, n. 2, p. 225-250, maio/agosto 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01026992201000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01026992201000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 set. 2019. Acesso em: 25 set. 2019.

MORAES, Sérgio. C. Fragmentos de Saberes Tradicionais. In: ALVES, Laura Maria Silva Araújo (Org.). **Cultura e Educação: Reflexões para a prática docente**. Belém, Edufpa, 2008, p. 109-132.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e Sociologia. **Revista do Departamento de Sociologia da Flup**, Vol. XX, p. 395-410, 2010. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2296/2103>. Acesso em: 06 nov. 2019.

PESSANHA, Delma; MOTA-MAUÉS, Maria Angélica. Introdução. In: PESSANHA, Delma Neves; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p. 17.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010, p. 15-33.

SEGATO, Rita. **Análise de gênero e elaboração de uma proposta para a estratégia de gênero do Programa da Cooperação Técnica Alemã para a Proteção e Gestão Sustentável das Florestas Tropicais**. Brasília: Universidade de Brasília/Departamento de Antropologia, mimeo, 2005.

TURNER, Victor. **Revelation and divination in Ndembu ritual**. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

VELASCO, Erivã Garcia. Juventudes e políticas públicas de trabalho no Brasil: a qualificação profissional e a tensão entre preferência e individualização. In: SILVA, Maria Ozarina da Silva; YAZBEK, Maria Carmelita (Org.). **Políticas Públicas de trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo**. 3ªed. São Paulo/São Luis: Cortez/FAPEMA, 2008, p. 187-201.

VIEIRA, Norma; SIQUEIRA, Deis; EVER, Marcela; GOMES, Maria. Divisão Sexual do Trabalho e Relações de Gênero em Contexto Estuarino-Costeiro Amazônico. **Revista Antropologia Amazônica**. (Online) 5 (3) especial: p. 788-817, 2013. Disponível em: <http://200.239.64.159/index.php/amazonica/article/view/1606/2017>. Acesso em: 29 ago. 2019.

VIEIRA, Norma; COSTA, Nívia Maria Vieira. Mulheres que pescam: Marisqueiras ou pescadoras? In: BARBOZA, Roberta Sá Leitão; VIEIRA, Norma Cristina. SIQUEIRA, Deis (Org.). **Desmantelando as fronteiras dos saberes na Amazônia**. Curitiba-PR, Ed. Appris, 2018, p. 109-122.

**Recebido:** 05/03/2020.

**Aprovado:** 13/04/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n43.11732.

**Como citar:** VIEIRA, Norma Cristina; REIS, Maria Helena de Aviz dos; SANTANA, José Dias. Relações de gênero e de geração nas atividades de pesca artesanal dos/as jovens pescadores/as da Amazônia Oriental, Brasil. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 22-36, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Norma Cristina Vieira**

Rua Valdemar Bragança, número 938, Bairro Riozinho, Bragança Pará Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

